

AS CLÁSSICAS EM COIMBRA: UM PASSADO COM FUTURO

Maria de Fátima Silva¹

Resumo

Esta reflexão pretende sintetizar a vida do Grupo de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra nos últimos oitenta anos, combinando uma síntese objetiva com um testemunho feito de experiência. Dela fazem parte elementos como as características do curso que as Clássicas de Coimbra oferecem e a sua interação com outros cursos da Faculdade, as linhas mestras da investigação desenvolvida ao longo de décadas e as múltiplas atividades paraescolares que constituem o seu dia-a-dia.

Palavras-chave

Multidisciplinaridade; plano do curso; projetos de investigação; atividades paraescolares.

¹ Professora Catedrática – Instituto de Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. E-mail: famp13@gmail.com. Este trabalho é financiado com Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00196/2020.

Abstract

This reflection aims to summarise the life of the Classical Studies Group at the Faculty of Arts and Humanities of Coimbra over the last eighty years, combining an objective summary with a testimony of experience. It includes elements such as the characteristics of the course offered by the Classics of Coimbra and its interaction with other courses at the Faculty, the main lines of the research carried out over the decades and the multiple para-scholastic activities that make up its day-to-day activities.

Keywords

Multidisciplinarity, course plan, research projects, para-school activities.

Introdução

A quem, em meados do século XX, rumava a Coimbra à procura de uma formação em Estudos Clássicos, a Faculdade de Letras proporcionava um espaço de acolhimento e de estudo: o Instituto de Estudos Clássicos. Formalmente, esta era “uma unidade científica e pedagógica interdisciplinar, fundada a 10 de Maio de 1944, dotada de pessoal docente e técnico e ainda de bens materiais, cuja afetação depende dos Conselhos Científico e Diretivo da Faculdade, no âmbito das respetivas competências”. Era assim que a Faculdade então se organizava, por ‘Institutos’, afetos a cada uma das áreas disciplinares que compunham a Escola. Mas para os novos estudantes, o Instituto de Estudos Clássicos era muito mais do que isso; era um lugar amigável, acolhedor, que recebia com simpatia os caloiros – sempre relativamente poucos em proporção com os cativados pelos outros cursos que a Faculdade oferecia.

A primeira impressão era a de estarmos num local de trabalho, já então dotado de uma biblioteca bastante bem apetrechada, com boas instalações e também – importa sublinhá-lo – com um ambiente propício ao convívio e ao estabelecimento de laços sólidos entre professores e estudantes. E há que dizer que a aventura era ‘arriscada’, porque a formação anterior dos candidatos – mesmo assim, tempos auspiciosos aqueles em que todos dispunham já de dois anos prévios de Grego e outros tantos de Latim – não bastava para consolidar a pertinência da escolha. Talvez esse mesmo desconhecido, a que não faltava algum ‘exotismo’, constituísse um dos principais fatores de motivação.

Esse era um tempo em que a oferta da Faculdade de Letras de Coimbra visava sobretudo uma expectativa nacional. Implantada numa área geográfica sempre de população escassa – a zona centro do país –, boa parte do contingente de alunos que a procurava – e as Clássicas não eram exceção – provinha do norte, nessa altura muito menos bem dotado de instituições de ensino superior do que hoje acontece. De resto, por tradição, o curso de Clássicas apenas era oferecido pelas Faculdades de Letras de Coimbra e de Lisboa; daí uma natural divisão geográfica, entre norte e sul, na partilha dos interessados.

Com o passar das décadas que nos trazem até ao momento atual, as alterações foram profundas. A Faculdade reestruturou-se em unidades maiores – os Departamentos –, o que levou à integração das Clássicas no chamado Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, ainda que respeitada a sua identidade específica através do estatuto de ‘Secção’, a par de outras Secções afetas às Línguas, Literaturas e Culturas Modernas. Essa

reorganização não deixou de ser proveitosa, fomentando uma permeabilidade a caráter com o que a palavra ‘Universidade’ pressupõe.

O número de estudantes de Clássicas manteve-se reduzido, ainda que mais elevado do que era nos anos 50, como aliás toda a população universitária globalmente entendida. Mas as suas características alteraram-se. Em primeiro lugar, depois que o conjunto de instituições universitárias de regime público do país teve um enorme acréscimo – das quatro iniciais (Coimbra, Lisboa, Porto e Évora) elevado a treze –, Coimbra deixou de acolher um contingente com uma origem específica e passou a reunir estudantes de todas as áreas geográficas do continente e ilhas. Muito significativo passou a ser também o número de alunos estrangeiros, europeus, brasileiros, africanos, chineses (para falar apenas das comunidades mais significativas) que a procuraram. As Clássicas não ficaram alheias a todas estas alterações. No seu caso, um fator importante teve também repercussão; os dois anos de Grego e de Latim prévios que, em meados do século XX, eram exigidos a alunos que se destinavam a Clássicas, Românicas e História, entraram numa rota de decadência com o seu novo estatuto de disciplinas opcionais e criaram um obstáculo mais sensível à procura dos Estudos Clássicos. Os novos candidatos passaram a ser iniciandos nessas disciplinas essenciais e a temerem a opção por um curso sobre o qual o seu desconhecimento era completo.

Perante todas estas oscilações, na preparação, na procura, na oferta, no percurso entre Ensinos Secundário e Superior, constante mesmo permaneceu a existência física do Instituto de Estudos Clássicos, que, alterada em função de novos padrões administrativos, mesmo assim continua o porto de abrigo para aqueles que preferem esta formação.

Curso - interação com outros cursos

Desde que os Estudos Clássicos existem em Coimbra há uma estrutura que se mantém permanente: a associação das áreas do Grego e do Latim, divididas em matérias de língua, literatura e cultura em igual proporção. Na década de 60, o plano da graduação incluía cinco anos, com cinco unidades letivas anuais em cada um deles, à exceção do último, mais reduzido, em função da unidade Seminário destinada à iniciação na investigação científica. Dessa unidade deveria provir uma ‘tese de licenciatura’, algo que mais tarde viria a ser substituído pela tese de mestrado.

Outra característica permanente nas Clássicas foi sempre a sua permeabilidade e interação com diversas formações proporcionadas pela Faculdade. Num tempo em que a inclusão de opções no plano de estudos era ainda muito incipiente, o elenco de disciplinas obrigatórias integrava, a par das unidades específicas, outras sempre maioritariamente provindas da área dos Estudos Portugueses e da História. Ao mesmo tempo que os estudantes de Clássicas não estavam dispensados de obter competências na Literatura e na Linguística Portuguesa, ou na História de Roma ou da Civilização Grega, nessa altura todas elas ministradas por outros Grupos da Faculdade, os seus colegas dessas mesmas áreas estavam igualmente obrigados ao estudo do Latim ou daquela que se tornou na Faculdade, durante décadas, a mais transversal de todas as disciplinas, a História da Cultura Clássica, ministrada a todos os cursos (Línguas e Literaturas, História e Filosofia) com exceção da Geografia.

A pós-graduação, então reduzida ao doutoramento, exigia meios, sobretudo bibliográficos, de que a Faculdade de Letras ainda não dispunha. Por isso algumas gerações viveram a experiência de um período de estudos numa universidade estrangeira, dentro de limites que nada têm a ver com a dimensão que o Programa ERASMUS, desde finais dos anos 80 aceite e praticado pelas universidades dos países pertencentes à comunidade europeia, entretanto promoveu. Eram, mesmo assim, experiências importantes em termos de contacto junto de outras instituições universitárias. Em contrapartida, Coimbra foi também sendo instituição de acolhimento de estudantes de outras nacionalidades, sobretudo brasileiros, atraídos pela oferta de um acompanhamento especializado para a preparação de teses que alguns docentes asseguravam.

Na perspetiva da formação académica, o passar do tempo foi produzindo profundas novidades. Com a uniformização alargada do chamado ‘modelo de Bolonha’ por toda a Europa, o percurso da graduação já então confinado a quatro anos, viu-se ainda reduzido a três anos, o que, naturalmente, afetou a solidez da proposta anterior com a inevitável redução, ou mesmo eliminação, de algumas disciplinas.

Por sua vez a Faculdade de Letras de Coimbra, à semelhança de muitas outras em Portugal e na Europa em geral, promoveu várias reformas internas de largo espetro, como aquela que ainda hoje vigora. A estrutura dos cursos remodelou-se profundamente com a semestralização das disciplinas, divididas por três anos letivos, cinco por semestre. E introduziu-se, como um princípio de base, a repartição das cadeiras em específicas, de iniciação e de formação geral. O modelo optativo impôs-se, facultando aos estudantes uma escolha que será sempre superior a metade

do conjunto de disciplinas que integram o total de 30 unidades na graduação. A própria prioridade dada ao modelo optativo exigiu, da Faculdade, uma oferta muito mais diversificada, pressionando os alunos a um percurso que, de um tronco específico, se ramifica numa teia mais ampla, que pode mesmo assim coordenar-se sob a noção de um *minor*, como formação secundária.

No plano da pós-graduação, procurou compensar-se o novo modelo, que encurta a formação específica ao nível da graduação, com uma oferta de mestrados elevada, completando, como ideal, um currículo de cinco anos. Mas também a este nível, uma opção aberta, tolerante à partida com a proveniência e formação dos estudantes, condiciona de alguma forma o sentido de uma pós-graduação como prolongamento especializado da área escolhida na graduação.

Nas Clássicas, como em qualquer outro curso da Faculdade de Letras, passou a haver, na totalidade das disciplinas e em qualquer um dos seus graus – Graduação, Mestrado e Doutoramento –, uma mescla de alunos de diversas proveniências disciplinares, com muitas vantagens e alguns inconvenientes, uns e outros facilmente percetíveis. As assimetrias dos inscritos em cada cadeira são uma oportunidade e um desafio: indo certamente ao encontro do redimensionamento que os meios informáticos trouxeram ao conhecimento, abrem a todos os estudantes a possibilidade de aceder a um espaço amplo de formação, ao mesmo tempo que exigem do docente a capacidade de reduzir assimetrias de modo a que o produto final resulte em vantagem para o conjunto do curso.

A oferta de doutoramentos multiplicou-se em medida equivalente, também eles acessíveis a uma procura diversificada. Por isso as Clássicas, que passaram a contar, no acesso à graduação, com estudantes sem formação específica anterior, omisso a nível do ensino secundário, e, no acesso à pós-graduação, com candidatos com graduações diversas, tiveram de reformular a sua oferta indo ao encontro de uma outra realidade e de novas expectativas.

Pelo seu efeito na formação dos jovens que fizeram das Clássicas a sua opção importa recordar algumas atividades paraescolares, como colóquios, palestras, visitas de estudo e festivais de teatro, que sempre animaram a experiência académica do Grupo.

Em particular as viagens à Itália e à Grécia, que aconteceram em anos sucessivos sobretudo no início da década de 70, constituíram uma experiência de que nunca é excessivo sublinhar os efeitos. Com o apoio da Faculdade de Letras e das Embaixadas da Grécia e da Itália em Lisboa, foi

possível repetir e diversificar percursos essenciais na formação de um classicista. Roma, Nápoles, Florença, Sicília, por um lado, Atenas, Delfos, Micenas, Olímpia e algumas ilhas gregas por outro, visitadas sob a orientação de Walter de Medeiros, constituíram um complemento de formação e de motivação certamente inesquecível para todos os que tiveram o privilégio de participar dessa iniciativa.

Igualmente relevante foi a criação de um grupo de teatro académico, o Thíasos, vocacionado para levar à cena peças, trágicas e cómicas, da produção greco-latina. O que inicialmente foi pensado como um meio de mobilizar a atenção para a pragmática teatral, a acrescer à grande tradição que o estudo do teatro sempre manteve na investigação promovida pelo Grupo de Estudos Clássicos, foi ganhando uma dimensão mais alargada, com a criação de um pequeno festival realizado anualmente. Com o tempo, o festival atraiu a atenção das Escolas Básicas e Secundárias, que passaram a constituir um público numeroso; e, dentro do mesmo processo, o festival interagiu com iniciativas paralelas existentes noutras países, sobretudo em Espanha pela facilidade geográfica. Esse intercâmbio permitiu que os festivais organizados em Portugal, pelo FESTEA, em estreita colaboração com o Thíasos, associassem grupos académicos de diferentes países, ao mesmo tempo que as produções do grupo de Coimbra passaram a ter uma circulação ibérica. Esta iniciativa promoveu também o conhecimento e a utilização de zonas arqueológicas dentro deste espaço.

Docentes

A equipa que assegurava o curso de Estudos Clássicos nos anos 60 era pequena, naturalmente equilibrada com o número sempre restrito de estudantes. Seis, foi o número de professores que, durante anos, assegurou a lecionação do curso. Tratava-se de uma equipa de excelência, com formação em escolas do maior prestígio - Oxford, New York University, La Sapienza, Louvaina - apenas para citar alguns exemplos. Por outro lado, o grupo de Estudos Clássicos manteve sempre um diálogo profícuo com as instituições públicas de apoio à ciência e tecnologia; em primeiro lugar, com o Instituto de Alta Cultura, a que se seguiram o Instituto Nacional de Investigação Científica, a Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e a Fundação para a Ciência e Tecnologia; e ainda, no seu âmbito de instituição de utilidade pública da maior relevância, com a Fundação Calouste Gulbenkian. Em qualquer uma destas instâncias, o IEC encontrou sempre um interlocutor e financiador para a formação e internacionalização dos seus docentes, para a promoção de diferentes

atividades científicas e para o desenvolvimento de uma política de publicações de foro académico.

As preferências dessa equipa determinaram, de maneira decisiva, aquilo que a Secção de Estudos Clássicos continuou a ser até hoje em termos de áreas de especialidade. Dois helenistas em topo de carreira asseguravam a área do Grego, Maria Helena da Rocha Pereira (1925-2017) e Manuel de Oliveira Pulquério (1928-2011) e poderemos dizer que, para além da variedade de matérias que ambos ministriavam, o teatro grego dominava nos seus interesses. Não surpreende, portanto, que a geração que formaram tenha seguido essa mesma prioridade, criando-se uma equipa de tradutores e estudiosos significativa nesta área da Literatura Grega. Por sua vez no Latim, os nomes de Américo da Costa Ramalho (1921-2013), Walter de Medeiros (1923-2012) e José Geraldes Freire (1928-2017) garantiam as áreas do Latim Clássico, Medieval e Renascentista. Neste grupo, o vigor obtido pelos Estudos sobre o Renascimento em particular foi igualmente marcante na formação das gerações seguintes. Seria injusto omitir, por fim, o nome de Carlos Alberto Louro Fonseca, um docente com uma intervenção importante na didática das línguas clássicas, ainda então embrionária, e, através dela, na motivação dos estudantes, sobretudo os iniciandos.

Outras gerações vieram trazer a esse embrião as inevitáveis reformulações e inovações. No plano da investigação científica, talvez as duas linhas de ação que tiveram uma renovação mais evidente tenham sido a área dos Estudos de Receção – já antes iniciada por M. H. da Rocha Pereira, mas com o tempo ampliada e aprofundada –, e a área da Didática e Formação, que se assumiu como uma componente profissionalizante da maior importância para o encaminhamento dos jovens licenciados.

APEC - Associação Portuguesa de Estudos Clássicos

Das iniciativas tomadas pelo Instituto de Estudos Clássicos fez parte a criação e promoção da APEC - Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, que assumiu como seu desígnio a congregação de professores e estudantes da área, dos diferentes graus de ensino, numa perspetiva nacional. Pela integração da APEC em federações internacionais, como a Euroclassica e a FIEC, o núcleo português de Estudos Clássicos passou a partilhar, num espaço multinacional, dificuldades, estratégias, soluções.

Nas suas atividades a APEC inclui todas as iniciativas destinadas a promover esta área de estudo – palestras, congressos, visitas de estudo,

representações teatrais. Mas talvez o elemento que melhor materializa os propósitos e a intervenção da APEC seja a publicação, iniciada em 1984, do *Boletim de Estudos Clássicos*, editado em articulação com o Instituto de Estudos Clássicos e com o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, que atingirá em 2024 o seu número 69. Trata-se de uma publicação aberta a diferentes níveis de colaboradores, com um pendor ao mesmo tempo didático e informativo. Propor sugestões de atividades letivas e dar conta das novidades relacionadas com o mundo das Clássicas foram sempre os seus objetivos prioritários.



Imagen 01: *Boletim de Estudos Clássicos*, publicação da APEC

A investigação nos Estudos Clássicos – o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos



Imagen 02: A investigação nos Estudos Clássicos – o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.

Qualquer estrutura universitária tem de dispor de uma investigação bem estruturada e, para isso, o Grupo de Estudos Clássicos de Coimbra encontra-se integrado na Fundação para a Ciéncia e Tecnologia, a entidade pública, afeta ao Ministério da Ciéncia, que rege a investigação científica nacional. Em termos gerais, são os seguintes os objetivos do CECH – Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (fundado em 1967):

- a) produzir e promover investigação de exceléncia nos domínios científicos dos Estudos Clássicos e Humanísticos (da Antiguidade à Contemporaneidade);
- b) produzir e promover tanto investigação essencial, como conhecimento aplicado e direcionado para a sociedade civil;
- c) contribuir para o fortalecimento e visibilidade da cultura e ciéncia portuguesas, pautando a investigação por padrões internacionais competitivos;
- d) projetar internacionalmente a produção académica marcada por uma matriz lusófona;
- e) constituir-se como “scientific hub”, congregando na sua equipa gerações de investigadores nacionais e estrangeiros de elevado nível no domíño dos Estudos Clássicos e Humanísticos;
- f) aumentar os níveis de democratização do conhecimento, prestando o serviço público de disseminação de uma cultura que, pela especificidade dos seus universos materiais e imateriais, corre

sérios riscos de crescente elitização e de apagamento da memória coletiva;

g) realizar atividades de extensão à comunidade, contribuindo para a disseminação dos Estudos Clássicos e Humanísticos;

h) colaborar com Unidades Orgânicas de ensino (desde logo a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra) para a oferta de estudos avançados (de doutoramento e mestrado), bem como outros cursos de especialização ou livres, nas áreas de investigação em que atua;

i) alinhar as suas atividades de investigação, em particular os seus projetos (geral e complementares), tanto com as políticas públicas nacionais, europeias e mundiais para a Investigação, o Desenvolvimento e a Inovação, como com o Plano Estratégico da Instituição de Ensino Superior em que se insere (a Universidade de Coimbra).

No cumprimento desses propósitos, o CECH desenvolve uma atividade intensa, sujeita a avaliações periódicas por equipas internacionais, que se concretiza em atividades dirigidas à formação e constante atualização dos seus membros e a um diálogo com a comunidade universitária – nacional e internacional – e com a sociedade no seu todo. É com orgulho que o CECH acaba de ser distinguido, na sua última avaliação, com a classificação de Excelente.

Dentro dessa estrutura, estão setorizadas diferentes áreas do saber que ramificam aqueles que são os seus alicerces essenciais: as Línguas, Literaturas e Culturas Gregas e Latinas. Na configuração atual, o CECH inclui, como projetos complementares:

- a) Artes docendi – investigação e formação em Didática;
- b) BioRom – Roma nosso lar: tradição (auto)biográfica e consolidação da(s) identidade(s);
- c) Classics & Open Science;
- d) Crises (Staseis) e Mudanças (Metabolai): a democracia ateniense na contemporaneidade;
- e) Cursus aristotelicus conimbricenses;
- f) Diaita heritage: Food, environment and well-being;

- g) Mundos e Fundos. Mundos metodológico e interpretativo dos Fundos musicais;
- h) Racionalidade hermenêutica, focada na vertente filosófica dos Estudos Clássicos;
- i) Reescrita do mito.

Somados os diferentes modelos de participação – Investigadores Integrados, Investigadores Colaboradores e Investigadores Visitantes –, o CECH envolve perto de centena e meia de elementos, portugueses e estrangeiros. Na impossibilidade de referir, mesmo que por amostragem, a variedade de cursos livres, seminários e aulas abertas, congressos, workshops, e outras atividades que se multiplicam na atividade diária do CECH, poderá mencionar-se, como emblemáticas, algumas das suas linhas editoriais.

Em primeiro lugar a publicação periódica, *Humanitas*, regularmente editada desde a sua fundação em 1947. Esta é a revista científica mais antiga da área dos Estudos Clássicos de quantas se publicam em Portugal e inclui uma multiplicidade de campos de investigação: História, Arqueologia, Filosofia, Religião, Arte, Retórica, Estudos de Receção. Está disponível online, em acesso livre.

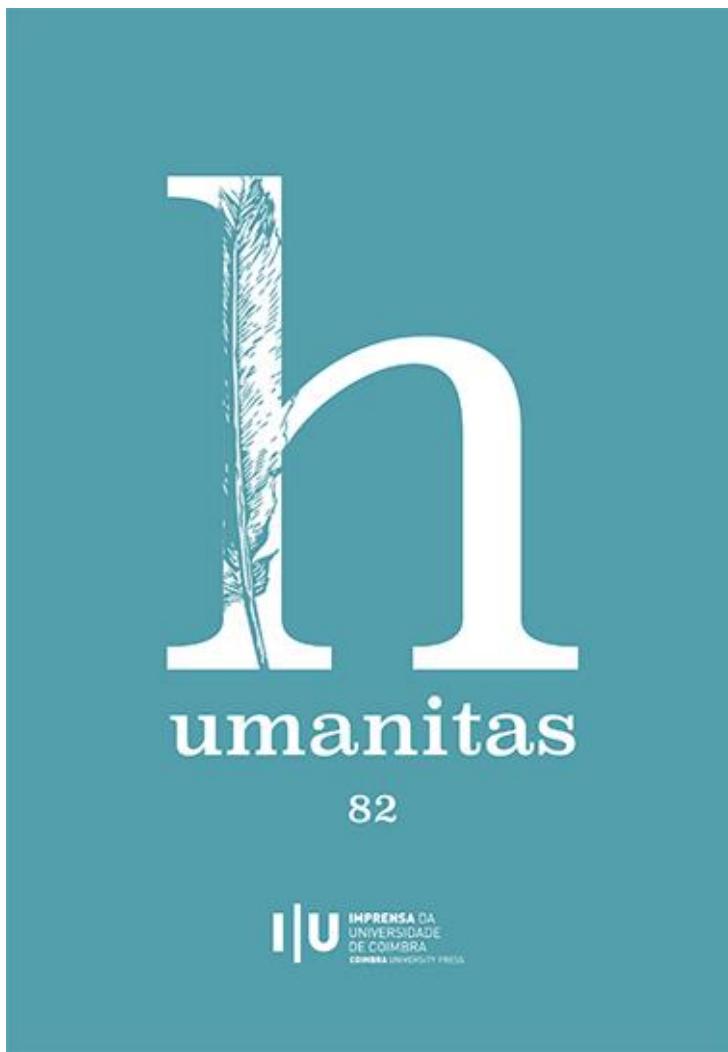


Imagen 03: *Humanitas*

Em segundo lugar, tem crescido em atividade e visibilidade a série *Classica Digitalia*, publicada em articulação com a Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponibilizada em acesso aberto, esta linha editorial subdivide-se em diferentes coleções, que espelham o produto da investigação realizada no CECH: Textos Gregos; Textos Latinos; Portugaliae Monumenta Neolatina; Classica instrumenta; Diaita: Scripta & Realia; Humanitas supplementum; Ensaios breves; Mito e (re)escrita; Ideia; Ricoeuriana; Mundos e Fundos - Mundos Metodológico e Interpretativo dos Fundos Musicais.

A par da intensidade de publicação nacional que, entre outras iniciativas, os *Classica Digitalia* documentam, uma última palavra vai para o esforço que tem sido feito no sentido de ampliar a editores internacionais de referência os resultados da investigação do CECH em diversas áreas. A Brill, a Routledge, a Brepols, a Bloomsbury, a Archaeopress, a Cambridge Scholars Publishing, a Aracne – para referir apenas alguns exemplos –,

contam nos seus catálogos vários títulos comprovativos dessa outra dimensão editorial.

Conclusão

Esta é, em grandes traços, a vida de um grupo académico este ano octogenário. Diversas gerações sustentaram estas décadas de vida e, com elas, fluiu também, globalmente, a atividade que mobiliza os Estudos Clássicos de Coimbra. Docência e Investigação harmonizam-se na diversidade e coesão da oferta. Não há paradoxo na proposta, apenas o propósito de rentabilizar talentos de todos os que vêm fazendo parte desta equipa e de responder às expectativas cada dia mais exigentes do mundo veloz em que todos estamos inseridos.